

A BUSCA DA VERA FACE NOS ESPELHOS DE GUIMARÃES E MACHADO

Adriane Anger¹

adrianeanger@yahoo.com.br

Partindo de inquietações sobre o que seria “o verdadeiro ser” e de como a busca por conhecer a essência da alma humana se faz presente em muitos autores consagrados pela nossa crítica, como Guimarães e Machado, por exemplo, este ensaio tem o intuito de fazer uma análise de como os narradores dos referidos autores abordam a busca da “identidade verdadeira” no reflexo de seus “*espelhos*”.

A temática do “espelho” sempre fascinou o homem. Encontramos menções a ele no imaginário de diversas culturas. Acreditava-se, segundo Heloísa Vilhena de Araújo, autora do livro *O espelho: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*, que o reflexo do espelho era a alma da pessoa refletida. Tal afirmação nos remete ao espelho de Machado, que tem como subtítulo do conto: *esboço de uma nova teoria da alma humana*. Nele, o narrador se reconhece somente com uma farda de alferes e, sem ela, não tem alma que no espelho reflita, sua imagem era mera aparência externa. Isso nos faz pensar que, o que esse narrador quer nos mostrar e denunciar, de certa forma, é que para muitos, se não para todos, em uma sociedade em que se vive de aparências como a nossa, a “vida” só há consistência no desempenho do papel social; aquém da cena pública, a alma é dúbia, ou seja, os tipos sociais teriam um comportamento previsível, diferente do que ocorre individualmente com as pessoas.

Instância semelhante é encontrada em São Paulo, XIII, 11-12, que diz que, durante a vida terrena, a visão de Deus só é possível aos homens, obliquamente, como num espelho. Kathrin Rosenfield, grande estudiosa de Guimarães Rosa, no seu livro *Desenveredando Rosa*, afirma que o mencionado autor concebeu suas *Primeiras Estórias* numa estética que dá algumas pistas sobre os princípios que ele seleciona e filtra de seus modelos – Goethe, Dostoievski e diálogo com textos sagrados, inclusive. Assim, podemos fazer uma análise das inquietações contidas no narrador de *O espelho* de Guimarães, partindo das inquietudes da tradição cristã, como nos mostra São Paulo em sua Carta ao povo de Corinto.

Numa comparação entre “*Os espelhos*” referidos, percebemos que “[...] diferentemente da narrativa de Machado, que mostra a alienação do eu nas máscaras ocas do

¹ Graduanda em Letras-Licenciatura pela UFRGS. Av. Bento Gonçalves, 9500, Porto Alegre (RS).

prestígio social, o conto roseano focaliza o pendor íntimo, a experiência interior da busca de identidade”. (ROSENFELD, 2006, p. 130). Busca de identidade, de um verdadeiro eu, escondido nas “fardas” de nossas vidas cotidianas. Fardas que nos fazem perder-nos de nós mesmos, num exílio interno da solidão moderna e nas inevitáveis perdas de sensibilidade no processo de amadurecimento humano.

No conto *O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana*, de Machado de Assis, há uma profunda crítica, por assim dizer, à perda da “vera face” em meio às facetas múltiplas que interiorizamos no viver social. Antonio Candido viu nele “uma espécie de alegoria moderna das divisões da personalidade e da relatividade do ser”- (LAGES, 2001, p. 154), um tema marcadamente psicológico. Veremos como a análise deste crítico literário vai ao encontro da busca de uma identidade, que é fundamentalmente dúbia, mas que possui uma essência, que é individual e única e que está escondida no íntimo de cada ser humano – o que ficará mais claro nos reflexos roseanos.

Inicialmente, relembremos o conto machadiano: numa casa do Morro Santa Teresa, no Rio de Janeiro, um grupo de amigos discute “questões de alta transcendência” (p. 25). Dentre eles, um se destaca – o Jacobina, inicialmente pelo seu silêncio e posteriormente pela sua grande eloquência na participação na conversa, que “[...] em seus meandros veio a cair na natureza da alma”. (p. 26). Para esta, Jacobina tem uma teoria e tentará elucidar ao contar aos demais um caso de sua vida, sob a condição de ninguém o interromper durante a narração. Ela a seguir:

[...] em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas... Duas? Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade; podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica (p. 26).

As duas almas completam o homem. A *interna*, isto é, o homem que vê o mundo e a si mesmo – de dentro para fora – precisaria de uma *externa*, como complemento, que vê de fora para dentro. Sendo que, esta última, não é sempre a mesma e consiste fundamentalmente no conjunto de valores socialmente determinados, que cada indivíduo interioriza no seu desenvolvimento, segundo as palavras de Kathrin Rosenfeld, e o que podemos perceber no trecho subsequente do conto:

[...] conheço uma senhora, - na verdade gentilíssima – que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano. Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a Rua do Ouvidor, Petrópolis... (p. 27).

Até aqui, temos alguns elementos para pensarmos a relação dessa “alma exterior”, que, muitas vezes, se sobrepõe ao *eu* na sua essência, antes de seguirmos para o relato da experiência de Jacobina. Parece-nos que o *eu* dessa “gentilíssima senhora”, exemplificada pelo nosso narrador, se perdeu nas exterioridades de sua alma. O que ela é, no seu íntimo, não nos é possível conhecer, porque ela “muda” conforme a sua necessidade. Machado consegue fazer seus leitores se indagarem e refletirem sobre a importância de nos conscientizarmos sobre aspectos que influenciam em nossa formação como seres humanos, por assim dizer. As “exterioridades de nossa alma”, esse aspectos, portanto, podem fazer com que nos percamos de nós mesmos, se não compreendermos esse fato possível.

Mas, continuemos na sequência do conto. Jacobina, em sua juventude, fora nomeado alferes da guarda nacional. Acontecimento que mudou sua vida. Só o chamavam de “Senhor Alferes” (p. 28), era a atração familiar e do círculo de amigos.

[...] O certo é que todas essas coisas, carinhos, atenções, obséquios, fizeram em mim uma transformação [...]. O alferes eliminou o homem. Durante alguns dias as duas naturezas equilibraram-se; mas não tardou que a primitiva cedesse à outra; ficou-me uma parte mínima de humanidade. Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem (p. 28).

Neste ponto, podemos perceber o caráter duplo do homem, “[...] perdido no labirinto dos prestígios ilusórios, de honras vazias e funções decorativas.” (ROSENFELD, 2006, p. 126), ironizado por Machado. Tal dubiedade, já é sabido, faz parte da natureza humana em si, que é contraditória. Entretanto, esse trecho também ressalta que é possível perdermo-nos de nós mesmos, como já havia salientado, – “O alferes eliminou o homem”, se não mantivermos o equilíbrio entre o que somos e o que representamos socialmente. Analisando, ainda, mais profundamente, evidenciamos o sentimento do narrador. Um sentimento de vazio em relação a si mesmo e que se vai agravando no desenrolar da narrativa.

Com isso, enfim, é possível fazer uma relação com o “típico homem moderno”: solitário, vazio, excluído de si mesmo, num contexto em que, o que se tem, o que se representa – uma vida de aparências, no entanto -, na esmagadora maioria das vezes, vale mais do que se é de fato, do que se tem de mais íntimo e humano: nossa subjetividade.

Na sequência, o “Senhor Alferes” é presenteado com um espelho, que serve como um suporte de reflexão, não apenas no sentido físico, mas também, e principalmente, no sentido metafísico, informação que precisaremos no decorrer da análise. Nas palavras de Kathrin, a

seguir, veremos como Machado aborda a busca de uma identidade subjetiva, com um enredo, aparentemente, insignificante:

[...] A doença de uma parenta retira subitamente todos os habitantes da fazenda e deixa a sós o protagonista traumatizado com o repentino vazio que lhe subtrai sua identidade social. Para fustigar o peso desproporcional que atividades inúteis e funções inócuas adquirem numa sociedade viciada por privilégios e prebendas, a ironia machadiana amplifica retoricamente o episódio insignificante da vaidade provinciana elevando-o aos píncaros da dramaticidade trágica. A personagem expressa sua dor com imagens de intensidade shakespeariana, elevando sua mesquinha dependência do mimo familiar a um drama metafísico (ROSENFELD, 2006, p. 127).

Depois que o narrador se encontra sozinho na fazenda, ele não se olhou uma vez sequer no espelho. Estava tomado por uma “sensação inexplicável”, era tudo silêncio, “[...] um silêncio vasto, enorme, infinito, apenas sublinhado pelo eterno *tic-tac* da pêndula.” (p. 31). Porém, decorridos oito dias de solidão, ele resolve mirar-se no espelho novamente:

[...] Olhei e recuei. O próprio vidro parecia conjurado com o resto do universo; não me estampou a figura nítida e inteira, mas vaga, esfumada, difusa, sombra de sombra (p. 31).

Passado um tempo de longa análise das linhas deformes refletidas no vidro, Jacobina lembrou-se de vestir a farda de alferes:

[...] o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior (p. 32).

O encontro da alma exterior na farda de alferes nos mostra, enfim, que realmente “o alferes eliminou o homem”; uma alegoria ao fascínio que o *status* social nos impõe. O pessimismo machadiano apresenta possíveis valores – a ascensão social – não como um reconhecimento que insere o indivíduo na sociedade, mas como um “[...] rito de passagem... para a vacuidade.” (ROSENFELD, 2006, p. 127). A solidão que assola a vida moderna, a “mecanização” dos relacionamentos entre um indivíduo e outro só agrava a perda de nós mesmos, uma vez que o nosso isolamento nos separa, portanto, do outro, que é humano, que é nosso reflexo, por assim dizer.

A humanidade é única em sua essência, mas somos únicos, individual e subjetivamente. Por sua vez, é na convivência com outros seres humanos que “aprendemos” a ser humanos. Se hoje nos sentimos, desoladoramente, perdidos no meio de tanta individualidade é por que nos falta um pequeno movimento que vai de encontro ao outro; de encontro à troca de vivências, experiências.

Se, por um lado, os “*espelhos*” de Guimarães Rosa e Machado se assemelham num primeiro momento, por outro lado, sabemos que Rosa não é tão direto e satírico como Machado. É, pois, curioso e um tanto instigante que o primeiro, leitor do segundo, tenha escolhido essa mesma temática. Resta-nos, portanto, ver de que maneira a lógica narrativa machadiana é transformada no conto roseano.

O narrador de *O espelho* de Guimarães Rosa inicia o conto com um convite: “Se queres seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições.” (p. 113). Colocando, já de início, o seu distanciamento do que é imprevisível – a aventura – e sua aproximação com o “urgir científico” (p. 116) – a experiência. Experiência com o concreto, seu objeto de estudo, o espelho, que são muitos, captando-nos as feições.

Conta-nos que, quando moço, num lavatório de edifício público, avistou dois espelhos – um de parede, o outro de porta lateral, que faziam jogo entre si:

[...] E o que enxerguei, por instante, foi uma figura, perfil humano, desagradável ao derradeiro grau, repulsivo senão hediondo. Deu-me náusea, aquele homem, causava-me ódio e susto, eriçamento, espavor. E era – logo descobri... era eu, mesmo! (p. 115).

A partir daqui, o objeto de estudo científico desse narrador será ele mesmo: “Desde aí, comecei a procurar-me – ao eu por detrás de mim.” (p. 116). Ele faz essa busca das mais diversas maneiras: tenta “os olhares de esguelha”, “a tocaia com a luz de-repente acesa” e “os ângulos variados incessantemente”. Mirava-se também em marcados momentos “de ira, medo, orgulho abatido ou dilatado, extrema alegria ou tristeza.” (p. 116). Tudo na tentativa de encontrar essa subjetividade escondida nos recônditos da existência humana.

Até esse instante, temos dados importantes para tentarmos elucidar como Guimarães, através desse narrador, trabalha essa busca da *vera face* – “vera forma” (p. 117) – essência de cada ser humano. Traçando um paralelo entre o conto machadiano e o conto roseano, percebemos suas sutis divergências. Se, no primeiro, podemos ver uma sátira à alienação do eu diante das máscaras do prestígio social, no segundo, evidenciamos, não o alienamento, mas o reconhecimento de um *eu* que não se reconhece no seu reflexo e que, desde então, procura dominar, objetivamente, sua essência, desconhecendo o que Goethe, como nos lembra Kathrin, afirma:

[...] Expressar a essência de algo é propriamente um empreendimento inútil. Percebemos efeitos, e uma história completa destes bem poderia abranger a essência daquele. Em vão nos esforçamos por descrever o caráter de uma pessoa, mas basta

reunir suas ações e feitos para que uma imagem de seu caráter nos seja revelada (ROSENFELD, 2006, p. 131).

Com tal afirmação de Goethe, nos remetemos, novamente, ao quesito “dubiedade da essência humana”. Somos inconstantes, dúbios, por natureza. Tentar fixar, descrever essa subjetividade não nos é possível, de fato. E, talvez, dando-se conta disso, depois de muito tempo de reflexão e pesquisa, nosso narrador-protagonista deixa de olhar-se, por meses, em qualquer superfície espelhada.

Antes de nos determos no desfecho do conto, porém, precisamos focalizar nossa atenção no processo de busca da *vera forma*. Para tal intento, é necessário que, quem esteja disposto a encontrá-la, se desprenda de si mesmo. Explicamos. É preciso que olhe-se de fora, de um ângulo diferente. Tentando ver nas entrelinhas do que se aparenta ser, o que só com muita atenção torna-se perceptível ao nosso consciente. Do encontro com a essência, vai de cada um, individualmente. Mas o que pode ser considerado “comum” a todos - por que todos nós somos, essencialmente, de natureza humana, repito – é que, de uma forma ou de outra, somos o que não somos, representamos apenas. E se não percebermos isso, acabaremos por nunca conhecer o que está por trás dessa “nebulosa máscara”, que nos é introjetada no viver social. Tal demanda pode levar tempo, uma vida, talvez. E, de repente, o encontro com essa *vera face* nos seja permitido só depois de muito viver.

Sem mais delongas, fixemo-nos nos reflexos de Rosa. Passado um tempo, nosso experienciador não se vê mais refletido no espelho:

[...] Simplesmente lhe digo que me olhei num espelho e não me vi. Não vi nada. Só o campo, liso [...]. Apalpei-me, em muito. Mas, o invisto. O ficto. O sem evidência física. Eu era – o transparente contemplador?... Tirei-me. Aturdi-me, a ponto de me deixar cair numa poltrona (p. 118).

Aqui, encontramos uma sutil semelhança entre os dois narradores: ambos, em um determinado momento, perdem suas “faces” em algum lugar, de forma, aparentemente, inexplicável. O que os difere, no entanto, é a reflexão que cada um faz a cerca desse fato. Enquanto o machadiano se detém ao estranhamento e amedronta-se por alguns instantes, o roseano, um tanto mais perturbado, questiona-se se ele não seria um “desalmado”. Dá-se conta de que partiu de uma figura para uma desfigura e obtém uma terrível dúvida: “[...] não haveria em mim uma existência central, pessoal, autônoma?” (p. 119), inquietando-se, pergunta-se: “Seria assim com todos?” (p. 119).

Por fim, revela que, anos mais tarde, ao fim de uma ocasião de grandes sofrimentos, de novo se defronta com uma imagem refletida no espelho:

[...] Ouça. Por um certo tempo, nada enxerguei. Só então, só depois: o tênue começo de um quanto como uma luz, que se nublava, aos poucos tentando-se em débil cintilação, radiância [...]. Que luzinha aquela, que de mim se emitia, para deter-se acolá, refletida, surpresa? [...] E... sim, vi, a mim mesmo, de novo, meu rosto, um rosto; não este, que o senhor razoavelmente me atribui. Mas o ainda nem rosto [...] rostinho de menino, de menos que menino, só (p. 119-120).

Para este narrador, o encontro com sua “vera forma” está relacionado com o rosto de uma criança. Instância que nos remonta às palavras de São Paulo:

Quando eu era criança, falava como criança, pensava como criança; uma vez homem feito, fiz desaparecer o que era de criança. Hoje, na verdade, vemos num espelho, de uma maneira confusa, mas então será face a face; e então conhecerei como sou conhecido (I CORÍNTIOS, XIII, 11-12).

As quais nos fazem perceber que, com o processo de amadurecimento humano, deixamos de lado – ou nos perdemos? – do que é próprio de criança. Para Guimarães, o encontro com o “verdadeiro eu”, a “vera forma”, a “vera face”, está representado na infância, nos fazendo indagar, em cima das palavras do apóstolo cristão, sobre: em que consiste nossa vera face? No olhar doce de uma criança? Resposta possível, mas não sei precisar, apenas indagar.

Enquanto, no conto machadiano, Jacobina encontra sua forma novamente refletida depois de vestir sua farda de alferes, no conto roseano, o encontro do narrador com a sua vera forma deu-se depois de momentos de sofrimento. Assim, podemos pensar, que conhecemos mais de nós mesmos depois que passamos por ocasiões que nos fazem parar para refletir sobre nossa existência. Fato que ocorre somente quando vivemos instantes de “calvário”, que também pode ser compreendido como experiência de amor, na tradição cristã.

Referências

ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. *O espelho: contribuição ao estudo de Guimarães Rosa*. São Paulo: Mandarim, 1998.

ROSENFELD, Kathrin Holzermoyr. Rosa no “espelho” de Machado: os legados alemão, russo e francês na narrativa Rosiana. In: *Desenveredando Rosa: a obra de J.G. Rosa e outros ensaios rosianos*. Rio de Janeiro: Top Boks, 2006. p. 119-138.

LAGES, Susana Kampff. Diabolias da dialética: Machado de Assis, precursor de Guimarães Rosa. In: *João Guimarães Rosa e a saudade*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001(?). p. 151-165.

ASSIS, Machado de. O espelho: esboço de uma nova teoria da alma humana. In: *Os melhores contos: Machado de Assis/seleção Domício Proença Filho*. 12. ed. São Paulo: Global, 1997. p. 25-32.

ROSA, João Guimarães. O espelho. In: *Primeiras Estórias*. 1. ed. especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 113-120.